

# Suplemento Cultural

## Perdemos uma das mais belas vozes da seresta estadual: Teodoro Torres

**RUBENIO MARCELO** – poeta/escritor e compositor, membro e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Nascido em 09 de novembro de 1943, na histórica cidade paraguaia de Fuerte Olimpo (cerca de 180 km da fronteira brasileira), às margens do Rio Paraguai, Teodoro Torres Escobar faleceu na noite de domingo p.p (3/12) na nossa *Capital Morena*, onde residia há décadas.

Vindo do berço de uma família habituada às artes e às tradições culturais, filho do sr. Santiago Escobar e da sra. Benigna Torres, Teodoro desde cedo conviveu com variadas expressões artísticas e, tendo nascido com o dom do canto (como ele bem afirmava: “trazendo no DNA a arte e a música”), logo se familiarizou com as pulsantes vertentes musicais de sua região. Na infância e adolescência, foi influenciado musicalmente na sua terra natal por vários ritmos típicos e artistas de sucesso, como, por exemplo, Luis Alberto Del Parana (cantor e violonista paraguaio, membro do grupo *Los Paraguayos*), Herminio Gimenez (célebre músico e compositor paraguaio), Julio Cesar Del Paraguai (cantor, compositor e folclorista) e outros.

Trazendo na algebrira a determinação e a esperança, Teodoro Torres veio, aos dezesseis anos de idade, para o Brasil e, aqui (no então Mato Grosso Uno), exerceu o mister de azulejista e formou-se em Edificações, vindo a trabalhar em grandes empreendimentos nesta área, tendo sido também consultor e instrutor técnico de vários cursos profissionalizantes da construção civil. Mas sempre exercitando o sublime dom que Deus lhe deu e, assim, conciliando seu tempo também com a arte vocal e os desígnios da música, aos dezoito anos já cantava em tradicional restaurante local.

Teodoro integrou por mais de vinte anos a turma da Seresta de Campo Grande, apresentando-se em seletos eventos e saraus e encan-



FOTO: FACEBOOK

TEODORO TORRES, voz maviosa... violão dolente

tando a todos com suas magníficas interpretações musicais e o seu talento nato. Era conhecedor de vasto (e eclético) repertório cancionero, artista seguro, extremamente afinado, possuidor de voz naturalmente bela e timbre agradabilíssimo. Também instrumentista (violão e contrabaixo), Théo – como o chamávamos – imprimia emoção verdadeira em suas apresentações e contagiava o público com suas performances vocais. E, dentre as canções românticas que interpretava, ele afirmava identificar-se mais com: “A Mi Manera / My Way”, “Paraguai Linda”, “Regalo de Amor”, “El Dia Em Que Me Quieras”, “Seguindo Seus Passos”, “Saude” e “Quisera Ser”.

Pai de sete filhos, Teodoro era casado com

“

Teodoro integrou por mais de vinte anos a turma da Seresta de Campo Grande, apresentando-se em seletos eventos e saraus e encantando a todos com suas magníficas interpretações musicais e o seu talento nato”

Ceila Rondon Pereira, sua *musa inspiradora*, a quem ele dedicava grande parte de seu repertório e a quem chamava carinhosamente de “minha rainha”. Aos 74 anos e em pleno vigor artístico, ele se preparava para gravar (em breve) um CD musical e também publicar um livro contando a sua história de vida, explanando aspectos da sua jornada profissional e as dificuldades que enfrentou (obra esta que seria prefaciada por mim, conforme convite do autor que muito me honrou). Ser humano sincero e cordial, simples, discreto e educado, de trato fácil, e exímio cantor, fazia questão de lembrar (sempre com um sorriso franco e olhar fraterno) o seu refrão pessoal de existência – dizia ele: “o coração da gente é muito precioso, por isto eu jamais guardo mágoas ou rancores no meu peito: dentro dele guardo apenas momentos especiais e os verdadeiros amigos”.

Assim era (e será) o inesquecível amigo Théo: estro de brilho forte! Menestrel legítimo, astro de fulgor olímpico, íntimo das divindades da arte e das musas – não por acaso nascido no [Fuerte] Olimpo. Descanse em paz, Teodoro Torres, e novamente solte a voz alegrando agora as paragens sublimes do olimpo eterno.

### POESIAS

#### VOZ MAVIOSA... VIOLÃO DOLENTE...

Para Teodoro Torres (Théo) – in memoriam

Como o sabiá que às vezes na varanda  
Vem me ouvir e cantar ao som da viola,  
Teodoro Torres – voz que em Deus evolou! –  
Veio ver-me em visita memoranda!

Cantou com emoção de um rapazola  
À sua Ceila – esposa veneranda! –  
Encantou ao Rubenio, a mim e a Vanda...  
Com cantar que até dói, porém consola!

E eis um santo mistério em minha vida:  
Desde esta vez primeira que o ‘Théo’ vejo,  
Ele fez-se alma gêmea em mim florida...

Sei que Deus o acolheu em sua Banda...  
Mas sempre o verei vivo no solfejo  
Do sabiá seresteiro da varanda!

#### GERALDO RAMON PEREIRA

#### ETERNA PRIMAVERA

Que abram as portas e entre a canção do amor.  
E que brilhe com o raio do sol cada manhã,  
Nascendo a cada minuto o aroma e o encanto.  
Crescendo com as horas a felicidade,  
Unindo os ponteiros ao sol do meio-dia,  
Céu e Terra num símbolo de amor.  
Que finde o dia no horizonte  
Esperando outro dia brilhar.  
Que vagueie o pensamento,  
Não se perdendo na ilusão.  
Que a incerteza não altere a certeza.  
Que o vazio não cresça jamais.  
Que não haja solidão,  
Que acalente as lágrimas  
E dê apoio ao sorriso.  
Que o beija-flor te visite as manhãs,  
Trazendo prenúncios de visita.  
Que o inverno despeça com rapidez,  
Que o sol brilhe sempre,  
Que as flores não esperem a primavera.  
Que a sinceridade não use máscara.  
Que a felicidade te abraça e,  
O Amor te enobreça.  
O Amor chegue e resida em teu coração,  
E faça brilhar o teu sol da manhã,  
Sempre nascendo,  
Sempre nascendo!!!

#### ELIZABETH FONSECA

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

### PROFESSOR PEDRO CHAVES DOS SANTOS FILHO TOMARÁ POSSE NA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS NESTA SEGUNDA

De acordo com o calendário estabelecido pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), será na próxima noite de 11/12 (nesta segunda-feira), às 19h30min, na sede da instituição – situada na Rua 14 de Julho, nº 4715, Altos do São Francisco, Campo Grande – a *Sessão Solene de Posse* do novo acadêmico Pedro Chaves dos Santos Filho (recentemente eleito), que assumirá a Cadeira nº 19, anteriormente ocupada pela saudosa escritora Maria da Glória Sá Rosa, e que tem como patrono João Guimarães Rosa. Na ocasião, e conforme rito próprio da solenidade, a acadêmica Marisa Serrano fará a saudação ao novo imortal da ASL. Na abertura do evento haverá uma breve pauta artística (três músicas) com os cantores/compositores Celito e Gilson Espíndola.

Pedro Chaves é educador, senador, palestrante, articulista e escritor. É Conselheiro do Instituto Histórico e Geográfico de MS, Conselheiro do SOS Pantanal, Membro do Conselho Regional de Economia de MS. É formado em Economia pela Universidade de Campinas, possui curso de formação educacional universitária na Universidade de Michigan-USA. É doutor Honoris Causa, pelo



PROF. PEDRO CHAVES DOS S. FILHO – novo acadêmico da ASL a ser empossado

Centro Universitário de Brasília. É autor do livro “Vencendo Desafios” (obra autobiográfica com 276 ps.).

O novel acadêmico Pedro Chaves, que foi eleito em assembleia-geral da ASL ocorrida no mês de junho do corrente ano, assim se expressou (à época) através de sua assessoria de imprensa: “É uma honra e uma responsabilidade muito grande entrar para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ocupar a mesma cadeira da minha querida amiga Glorinha Sá Rosa, uma referência da cultura em nosso estado. Serei eternamente grato aos colegas acadêmicos e tudo farei para fortalecer, cada vez mais, a nossa instituição, incentivando a leitura e trabalhando com muito afinco pela educação, que é a marca da minha vida”.

## Ah, o amor...

### LUCILENE MACHADO

O amor não aprende com o amor, tem sido assim desde sempre. Todos conhecemos histórias lendárias. A literatura nos fornece elementos de sobra para verificarmos as diversas artimanhas que tem o amor para apoderar-se do coração das pessoas. Penélope e Ulisses, Dante e Beatriz, Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, Dom Pedro e Inês de Castro... Conhecemos de cor os símbolos pelos quais o amor é representado, o arco, a flecha, o mito do cupido que manipula a flecha até acertar o coração dos mortais, mas é um conhecimento que não produz imunidade.

No romantismo, em uma época em que os casamentos eram arranjados, os jovens apaixonados tinham seus finais no segundo ato. Acabavam nos conventos, na miséria, ou mortos. Outro mito, este cunhado pelo romantismo foi o vampiro. Inventado por Byron e ressuscitado atualmente pelo cinema. Um mito que passou por Drácula de Bram Stocker, como um exercício de libertação, a paixão que nos liberta do eu. As amantes se entregavam completamente ao Conde Drácula, a ponto de lhe oferecer as próprias vidas. Por meio do amor elas se transformavam em um vampiro, de modo que alcançavam a vida eterna. Algo que vai ao encontro do que disse o ensaísta suíço Denis de Rougemont, de que estamos presos à matéria, presos no interior de nossos corpos e a paixão, enfim, permitiria transcender esse aprisionamento carnal.

Rougemont ficou conhecido por escrever no livro A história de amor no ocidente que “o amor feliz não tem história. Só o amor ameaçado é digno de um romance”. Sem querer polemizar, pergunto: quem já não teve um

amor ameaçado ou uma história digna de romance? Se alguém não teve, é melhor ter. Passar por esta vida sem sentir o desejo de escapar de si mesmo e fundir-se com o outro é não ter vivido plenamente.

Não existe sentimento mais forte do que uma paixão. Algumas são descomunais, terríveis, de derreter os miolos. É arder em febre com lábios e olhos intumescidos e o pensamento se esvaindo como fumaça. É entrar pela porta da lembrança e recordar gestos, pulsações, movimentos e mais uma procissão de acontecimentos que queimam como labaredas. É puro breu.

O consolo é que não somos únicos, sem contar que há narrativas bem piores que as nossas. Não são raras as histórias de amor com finais trágicos. Tristão morre nos braços de Isolda, Julieta nos braços de Romeu. Em Eneida, a rainha Dido se suicida ao ser informada da partida de Enéas. A inteligente Cleópatra, que tinha uma explícita debilidade por generais romanos, presencia o suicídio lento de Marco Antônio na tumba que dividiu com ele. Por causa de um tremor no coração de um homem, Tróia é destruída e junto com ela uma lista de homens ilustres (Heitor, Aquiles e o próprio Páris...) seduzidos pela magia de Helena. Não é à toa que a paixão nos amedronta.

As histórias são tantas que não há um único ser humano que já não tenha se dedicado à leitura do tema, ou pelo menos dedicado à temática boa parte de seus pensamentos. Todos temos nossas próprias histórias para contar, nossas pequenas tragédias, nossas paixões concretas, escondidas, recolhidas que tocam o céu, ou o inferno em algum momento. Mas, apesar da nossa pretensa experiência, o amor continua a ser matéria obscura, o reino da confusão e do enigmático.

“

A literatura nos fornece elementos de sobra para verificarmos as diversas artimanhas que tem o amor para apoderar-se do coração das pessoas”

Continuamos a padecer das mesmas ingenuidades, a esperar durante horas por uma chamada telefônica que não chega, a gemer de raiva por sentir fraqueza, frenesi e ser capaz de oferecer ao outro o sacrifício de sua própria inteligência, para não dizer que emburrecemos quando nos apaixonamos. Outras vezes sentimo-nos ridículos, alienados ou envolvidos num amor perverso do qual já se prevê o final: desgraça.

O problema é que somos seres tão pobres, tão precários, tão pequenos, tão egoístas, tão centrados em nós mesmos, em nosso próprio umbigo que não sabemos mensurar o amor. É possível que não saibamos amar. Muitas vezes sepultamos o amor em nome de nossa covardia, nossa vaidade, nossas dúvidas. Acostumamo-nos ao óbvio, ao que pode ser manipulado, às falsas estruturas da compreensão que estão sob o nosso controle como uma forma de preservar nossa condição de seres suscetíveis a paixões malsucedidas. Mas uma hora dessas a flecha nos acerta no primeiro ataque, os riscos envolvidos são grandes, entretanto, recordando os versos de um poeta português, que já quase um clichê, “sempre vale a pena se a alma não é pequena”.